

ÍNDICE

<i>Introdução, por Ruth O'Brien</i>	13
<i>Prefácio à edição de 2016</i>	17
<i>Agradecimentos</i>	33
I. A CRISE SILENCIOSA.....	37
II. EDUCAÇÃO PARA O LUCRO, EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA	51
III. EDUCAR OS CIDADÃOS: OS SENTIMENTOS MORAIS (E ANTIMORAIS).....	67
IV. A PEDAGOGIA SOCRÁTICA: A IMPORTÂNCIA DO ARGUMENTO	91
V. CIDADÃOS DO MUNDO	127
VI. CULTIVAR A IMAGINAÇÃO: A LITERATURA E AS ARTES	145
VII. A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA ENCOSTADA ÀS CORDAS.....	173
<i>Posfácio à edição de bolso: reflexões sobre o futuro das humanidades – no país e no estrangeiro</i>	201

INTRODUÇÃO

por Ruth O'Brien

Não obstante o papel central que as humanidades e as artes desempenharam na história da democracia, hoje em dia muitos pais sentem vergonha dos filhos que estudam literatura ou arte. A literatura e a filosofia mudaram o mundo, mas por toda a parte é mais provável que os pais se aflijam se os filhos se revelarem financeiramente iletrados do que se a sua aprendizagem nas humanidades for deficiente. Mesmo na Laboratory School da Universidade de Chicago – a escola que deu origem às experiências pioneiras na reforma da educação democrática do filósofo John Dewey –, muitos pais preocupam-se com a possibilidade de os seus filhos não estarem a ser suficientemente educados para o êxito financeiro.

Em *Sem Fins Lucrativos*, Martha Nussbaum alerta-nos para uma «crise silenciosa» na qual as nações «descartam competências» enquanto «buscam sofregamente o lucro nacional». Ao mesmo tempo que as artes e as humanidades são limitadas por toda a parte, existe uma séria erosão das qualidades essenciais para a própria democracia. Nussbaum recorda-nos que educadores e fundadores de nações compreenderam que as artes e as humanidades ensinam às crianças o pensamento crítico necessário para uma ação independente

e para uma resistência inteligente ao poder da tradição e autoridade cegas. Os estudantes de arte e literatura aprendem também a imaginar-se no lugar dos outros, capacidade indispensável para uma democracia bem-sucedida, desenvolvimento necessário para os nossos «olhos interiores».

A força de Nussbaum em *Sem Fins Lucrativos* reside no modo como usa o seu vasto conhecimento da teoria filosófica e da educação, ocidental e não ocidental. Partindo de Rabindranath Tagore (o indiano laureado com o Nobel da Literatura e fundador de uma escola experimental e universidade) e John Dewey, além de Jean-Jacques Rousseau, Donald Winnicott e Ralph Ellison, cria um «modelo de desenvolvimento humano» da educação, defendendo a sua indispensabilidade para a democracia e para o florescimento de uma cidadania de consciência global.

As humanidades e as artes contribuem para o desenvolvimento de crianças pequenas enquanto brincam, bem como de estudantes universitários. Nussbaum defende que mesmo os jogos das crianças pequenas são educativos, mostrando-lhes como podem conviver com os outros sem manter um controlo total. Associam «experiências de vulnerabilidade e surpresa com a curiosidade e o espanto, mais do que com a ansiedade». Estas experiências são então alargadas e aprofundadas através de um cuidadoso currículo nas humanidades.

«Deficiências em compaixão», acrescenta Nussbaum, «podem associar-se a uma dinâmica perniciosa entre repugnância e vergonha [...] sendo a vergonha uma resposta universal para a impotência humana». As sociedades que inculcam «o mito do controlo total», em vez da «necessidade mútua e da interdependência», só intensificam esta dinâmica. Ela sugere que pensemos como Rousseau, que sabia que o seu *Emílio, ou Da Educação* tinha de aprender a identificar-se com os defeitos humanos comuns. Ele tem de ver o

mundo através das lentes de múltiplos tipos de vulnerabilidade, cultivando uma imaginação fértil. Só assim olhará as pessoas como verdadeiras e iguais. Só assim poderá ser um entre iguais, compreendendo a interdependência exigida pela democracia e pela cidadania global. Uma democracia repleta de cidadãos sem empatia gerará inevitavelmente mais tipos de marginalização e estigmatização, exacerbando mais do que resolvendo os seus problemas.

Em *Sem Fins Lucrativos*, Nussbaum recusa a ideia de que a educação é, antes de mais, um instrumento de crescimento económico. Defende que o crescimento económico não gera invariavelmente melhor qualidade de vida. O desprezo e o desdém pelas artes e humanidades põe em risco a qualidade das nossas vidas e a saúde da nossa democracia.

Sem Fins Lucrativos é especialmente apropriado para esta coleção, *The Public Square* [O Espaço Público]*. Oferece aos leitores um «apelo à ação» na forma de um plano que substitui um modelo educativo que enfraquece a democracia por um que a promove. Constrói um caso convincente, se não contraintuitivo, em que a própria fundação da cidadania – sem falar do sucesso nacional – assenta nas humanidades e nas artes. Negligenciamos-las à nossa custa. Martha Nussbaum entra na *The Public Square* com este livro ambicioso e de longo alcance, que revela a importância de aprendermos a relacionar-nos corretamente com os outros – e, em seguida, como pensar de forma independente.

* Ruth O'Brien refere-se, neste caso, à coleção da edição original. Na Edição 70 este livro saiu fora de coleção. (N. da E.)